

## ECONOMIA E INTERVENÇÃO ESTATAL

Prof. Mário Piva

Embora distante na sua origem, somente a partir do conflito de 1914/1918, a intervenção do Estado na esfera econômica passou a constituir tema de permanente atualidade. Combatida e defendida por economistas de todos os quadrantes, a tese da intervenção se bifurcou em caminhos distintos, extremando duas correntes irreconciliáveis, cujos pontos de vista se agrupam e constituem a base fundamental de seus princípios.

Acreditam alguns autores que sendo a guerra um processo de coletivização crescente, as raízes do intervencionismo encontram razões profundas nas determinantes geradas pelas conflagrações. A afirmativa é, sem dúvida alguma, digna de respeito. Ocorre, porém, que o excesso de intervenções vai tornando o problema cada vez mais complexo, causando a mais grave confusão.

Em realidade e a nosso vêr, o intervencionismo estatal, hoje prevalecente, é fruto do desprezo às seculares leis da economia. Guardassem os homens as lições proporcionadas pelos fatos históricos, colhessem as sementes de tantos erros não aproveitados como exemplos e, talvez, as duas correntes, que opinam de maneira tão diversa, encontrassem o denominador comum do progresso e do bem estar coletivos.

Observa-se, porém, que, de um lado, estão aqueles que apontam a intervenção como obstáculo mais sério à prosperidade; do outro, os que esperam tudo do intervencionismo e, ainda, o consideram por demais brando.

Ninguém se arriscaria, nos dias atuais, à defesa do anti-quado e já condenado "laissez faire". Nenhum estado moderno

pode deixar sua própria economia abandonada às contingências do "automatismo". As circunstâncias-sobretudo, as de ordem social — exigem intervenha o Estado, em benefício do equilíbrio indispensável à vida em sociedade. Infortunadamente, quantas medidas têm sido postas em prática, resultaram, na sua maioria absoluta, em soluções negativas, muita vez, em sentido oposto ao pretendido. Dirão, os defensores do intervencionismo, que o fato decorre de se encontrarem as nações a braços com problemas novos, jamais conhecidos no curso de tempos passados. A assertiva carece de fundamento.

Tôda a história, exceção feita ao século XIX, constitui um exemplo vivo de dirigismo econômico. Gonnard, Rist, Max Weber, Schmoller, Levasseur, Le Branchu e muitos outros economistas descreveram em suas obras os aspectos característicos do intervencionismo. Condillac que, ao lado de Adam Smith, pontifica na análise do fenômeno no século XVIII, em seu livro "Le Commerce et le Gouvernement considérés relativement l'un à l'autre", já revelava sua surpresa ante a intervenção do Estado e, ao mesmo tempo, abismava-se diante do desconhecimento dos governos, teimando em não aproveitar os exemplos que o passado lhes oferecia: —

"As nações são como as crianças. Não fazem, em geral, senão o que vêm fazer; e o que fazem o farão durante muito tempo, às vezes, sempre. Não é a razão que fazem mudar, é o capricho ou a autoridade. O capricho nada corrige; substitue abusos por outros abusos e a desordem vai sempre crescendo. A autoridade poderia corrigir, porém, de ordinário, ao invés de corrigir, recorre a paliativos. Tem suas paixões, seus aborrecimentos, sua rotina e parece que a experiência de nada lhe serve. Quantas faltas têm sido cometidas! Quantas vezes têm sido repetidas! E, contudo, as repetem".

Não caberia, assim, a afirmativa de que os erros são frutos de fenômenos completamente novos, que servem para confundir os governantes dos nossos dias. Preferíamos aceitar a tese da estagnação da ciência econômica. Transformada num mero

objeto de política, a economia parece relegada a um plano secundário. A simples comparação com as demais ciências serviria para demonstrar essa verdade. Na medicina, na química, na física, no direito os avanços nas últimas décadas são prodigiosos. Na ciência econômica preferiu-se entregar à deliberação do Estado, administrado em geral por aqueles que nenhuma noção têm da verdadeira economia, as decisões que implicam, em geral na construção de sistemas.

Por isso, talvez, estejamos hoje, vivendo num mundo dominado pelas trevas "igual a um enfermo que vê nos curandeiros o único remédio para curar-se do mal que o atormenta". O intervencionismo estatal ao contrário de servir para estimular o estudo e do desenvolvimento da ciência econômica, passou a pesar como fator decisivo para o abandono das pesquisas e das investigações tão necessárias à ciência. Aos políticos — não mais aos economistas — estão entregues as soluções dos problemas econômicos. Levados pelas paixões, empolgados pelo poder vão, assim, construindo os planos definitivos da destruição de uma ciência.